

Um objeto hipotético na internet

Doutoranda Ana Cláudia Munari Domingos Pelisoli¹

Resumo:

*Considerando que as estruturas de indeterminação dos textos da série Harry Potter são um fator de impulsão da participação de seu leitor, este trabalho busca analisar uma dessas respostas: a escrita desse leitor na internet – as fanfictions. A hipótese que aí se estrutura é de que esses textos, em que se combinam o preenchimento dos vazios pelo receptor e uma nova história por ele criada a partir da série, formariam um híbrido: uma escritura-crítica – o objeto hipotético que então se presume –, já que tanto cria novos segmentos para o texto – linguagem, como também apresenta as relações estabelecidas entre as perspectivas do original, conferindo-lhe um sentido particular – metalinguagem. As proposições deste trabalho apóiam-se nas formulações de Leyla Perrone-Moisés em *Texto, crítica, escritura* (São Paulo, 2005).*

Palavras-chave: Harry Potter, leitor, lacuna, *fanfiction*, crítica

Esse objeto hipotético é o nosso: uma crítica que, dando-se a ler como texto, desse também a ler outro texto, de modo mais novo e mais rico do que aquele como o líamos antes; que fosse só linguagem, conservando uma função de metalinguagem; que inventasse, no outro texto, novos valores; que fosse ao mesmo tempo transitiva e intransitiva, segundo a leitura que dela se fizesse; que fosse um fenômeno de enunciação ao mesmo tempo que enunciasse outra coisa; que entrasse numa relação simbólica (de linguagem) e não mais imaginária (de ideologia) com outro(s) texto(s). Tal seria nosso objeto: híbrido, paradoxal, inclassificável, como o sujeito que o produziria: sujeito a cavalo entre dois campos, entre dois mundos, sujeito em crise. Crítico = escritor em crise. (PERRONE-MOISÉS, 2005, p.59)

Em 1975, Leyla Perrone-Moisés, em sua tese de livre-docência¹, trazia à tona um pergunta então muito pertinente: em que medida a crítica pode ser exercida através da escritura? Entre os efervescentes debates das décadas de 60 e 70, a professora recentemente chegada de Paris discutia a possibilidade de uma escritura crítica em que se fundissem as características do **discurso crítico** tradicional com o **discurso poético**. Afirmada pela própria condição da literatura moderna, que incluía a reflexão sobre si mesma (linguagem e metalinguagem), essa nova crítica refletia a transformação por que passava a Arte – de representação fiel de uma idéia à produção de diferença. Se a literatura deixa de copiar para simular, como explica Perrone-Moisés, rompe-se se a hierarquia entre ela e a crítica: tudo é simulacro. Surge, então, aquele objeto híbrido de que fala a citação que introduz este estudo, e que, mais tarde, é incluído nas teorizações do Pós-estruturalismo: a crítica-escritura.

É esse **objeto hipotético: híbrido, paradoxal, inclassificável**, décadas depois ainda indefinível, que cerca a discussão aqui promovida, agora num âmbito pós(?)-moderno, porque não é o livro – como agente-manifesto dessa mudança e em cuja história estão traçadas também as linhas diacrônicas da literatura – o suporte desse objeto, mas a rede virtual, a internet. E, se muda seu suporte, o que mais se modifica? Quem é seu sujeito-produtor? O que ele manifesta e com que intenção? A intenção desse produtor é um critério para incluir seu texto no rol da crítica, quando, hoje, são tão sutis as fronteiras entre os discursos? Podemos pensar esse objeto como crítica, ela própria sem gênero definido desde o nascimento?

Já Brunetière², prevendo o rumo disforme que tomava seu fazer crítico (literário?), resolvia que a crítica devia ser sempre chamada pelo mesmo nome, **porque sua essência não muda, por-**

¹ Defendida na Universidade de São Paulo.

² *La Grand Encyclopédie*, t. XIII. In: MOISÉS-PERRONE, 2005.

que seu objeto é sempre o mesmo. No entanto, para ele, o fazer crítico consistia em julgar, classificar e explicar o texto literário – e a possibilidade de uma fuga desses objetivos reverteria em desnaturalização da crítica. Não ousou comparar o texto objeto deste trabalho com aquele texto sobre cujos objetivos Brunetière era tão inflexível, mas pretendo, sim, re-editar a discussão de Perrone-Moisés sobre determinada manifestação crítica – de ato de escrivência a ato de escritura – nos moldes do que hoje é possível: a escrita do leitor na internet.

A internet como suporte da escrita – seja ela criativa ou não – vem revolucionando práticas que antes eram exclusivas daqueles que dispunham do fulcro do livro, da revista ou do jornal. Ser capaz de divulgar uma idéia – literária ou científica – equivalia a dispor de um meio físico, que, por sua vez, elevava o sujeito-produtor a outro nível – escritor, jornalista, autor, ensaísta, crítico.

Em *A aventura do livro*, Roger Chartier (1999, p.18) comenta a modificação do espaço do crítico, papel que, atualmente, pode ser assumido por qualquer leitor de forma espontânea, bastando o *clic* do mouse para anexar sua opinião a um *blog*,³ coluna de uma página ou qualquer outro texto eletrônico disponível na internet:

Evidentemente, as redes eletrônicas ampliam essa possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão constituído graças à rede. Deste ponto de vista, pode-se dizer que a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica se colocam ao alcance de todo mundo.

Atualmente, posicionar-se em relação ao mundo está ao alcance de todos aqueles que dispõem de um computador ligado à rede virtual. Da mesma forma, qualquer leitor pode publicar seu comentário crítico na internet e, ao ser lido por outros leitores, interferir na interpretação da obra. Desse modo, evidenciam-se as mudanças no papel do leitor frente à experiência da leitura; o gesto de abrir, folhear e fechar o livro pode equivaler não mais apenas a gerar um significado ou uma possível concretização individual de uma obra, mas ser o início de um processo que pode culminar na transformação do seu sentido e interferir nos procedimentos de sua escritura. A recepção abrangeria a participação do leitor na criação – e não apenas na decodificação – do texto.

Pensar essa escrita do leitor como um texto crítico é a parábola aqui empreendida – curva que, mesmo em progressão, arrisca voltar ao mesmo ângulo de que partiu, se não encontrar nenhum obstáculo, apenas alguns metros adiante. O caminho seguido pelo projétil – tiro no escuro? – toma como estopim a própria afirmação de Perrone-Moisés já citada: a análise de cada uma de suas assertivas acerca do objeto híbrido, cuja existência ela exclamava, serve ora como parâmetro de explicação da tese aqui empreendida – de que a escrita do leitor publicada na internet na forma de *fanfiction* é uma fusão entre o *discurso crítico* e o **discurso poético**.

Nem a Brunetière ou Sainte-Beuve, ou ainda a Barthes, Blanchot ou Butor, estes, críticos-escritores cujo texto (híbrido) Perrone-Moisés analisa, foi necessária a definição do signo **crítica**, e seus debates giravam fundamentalmente em torno das fronteiras e dos objetivos dessa ação, até mesmo de sua essência – controversia essa empreendida por vários críticos. No caso do objeto deste trabalho sequer é possível, se necessário, recorrer ao dicionário – local onde se encontram as palavras em estado de repouso e que, portanto, só se constituem em pólvora se retiradas de lá. *Fanfiction* ainda não repousa, mas podemos assentá-la em breve descanso.

As *fanfictions*, ou *fanfics*⁴, são narrativas escritas por fãs de histórias em quadrinhos, filmes, jogos, seriados, etc., criadas a partir de elementos de um original, como personagens e temática. Sua gênese é incerta – como muito do conteúdo exposto na rede o é – mas sabe-se que, antes de escolher a internet como suporte e meio de propagação, já existiam no papel. A ancestralidade da *fanfiction* remonta aos fanzines⁵ – verbete razoavelmente acomodado no dicionário –, revistas surgidas na

³ Texto eletrônico disponibilizado em *sites* específicos que tem o formato similar ao de um diário pessoal.

⁴ Espécie de forma apocópada das palavras de origem inglesa *fanatic fiction*, ou *fan fiction*, que, na tradução literal, significa ficção (*fiction*) de fã (*fan*) ou histórias ficcionais criadas por fãs. As formas *fan fiction*, *fanfiction*, *fanfic*, ou simplesmente *fic*, são igualmente utilizadas.

⁵ Palavra que aglutina os termos *fan* e, também do inglês, *magazine*, indicando revista de fã.

década de 20 do século XX nos Estados Unidos, editadas por fãs, principalmente de histórias em quadrinhos, que reuniam não apenas comentários acerca de seus objetos de culto como também textos criativos neles baseados. A *fanfiction* é, inicial e vulgarmente⁶, um texto criativo que tem como fundamento ser escrita por um fã de um texto original, cujos elementos ela dispõe como mo-tes – seja personagens, enredo, ação, época, todos ou um deles –, desde que seja possível identificar nesses elementos o texto-base do qual se origina.

Embora a existência da *fanfiction* seja anterior ao advento da internet, foi através da rede que ela se expandiu e adquiriu novos contornos. Além disso, foi a partir da publicação da série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, que, impulsionada pelos fãs das histórias do bruxinho Harry, a *fanfiction* se tornou um verdadeiro fenômeno, inclusive no Brasil, como atesta Maria Lúcia Bandeira Vargas (2005, p.14):

No Brasil, essa prática se tornou mais visível nos últimos quatro anos, período em que ganhou impulso em virtude da popularidade de uma série de livros, fenômeno de vendagem em todo mundo: *Harry Potter*, de J. K. Rowling. O primeiro livro da série foi publicado em solo nacional no ano de 2000 e raros são os *websites* de *fanfiction* encontrados em português brasileiro que sejam anteriores a esse período.

Para ilustrar a extensão do boom que *Harry Potter* causou no universo da *fanfiction*, basta citar alguns números. Para tanto, escolho utilizar o maior *website* do gênero, o Fanfiction.net,⁷ que reúne *fanfics* em várias línguas, distribuídas em categorias como livro, filme e animação. Na categoria livro, há 316 nomes de obras ou autores cujos fãs têm suas histórias publicadas, de *Peter Pan* a Jane Austen. A quantidade de títulos para cada uma dessas obras varia muito, vai de apenas 1 a 41.108, esse, o número de *fics* de *O Senhor dos Anéis*, o vice-campeão da lista, que inclui as 1.123 de Shakespeare, as 465 de Stephen King, as 353 de *Alice no País das Maravilhas* e as 2.891 de *Artemis Fowl*. A diferença entre esses números e o primeiro lugar é espantosa: 358.387 são as *fanfictions* sobre *Harry Potter*, publicadas em 32 línguas⁸.

Em português, são 9.221 *fics* apenas nesse *site*, escritas, em sua maioria, por jovens entre 13 e 20 anos. Essa quantia aumenta dia-a-dia e numa escala maior logo após a publicação de uma nova história, quando a criatividade é renovada pelas novidades. Alguns desses textos têm até 40 capítulos e chegam a alcançar o número de páginas do original. É espantoso pensar que muitos desses autores mirins escrevem um grande volume de histórias, alguns com até vinte títulos, páginas e páginas de narrativas criativas, enquanto nas escolas discute-se o declínio pelo gosto da redação e da leitura. Outro detalhe interessante é que a linguagem, diferentemente dos *chats*,⁹ não contém aquelas abreviações características da comunicação virtual, embora muitos não sejam um exemplo de correção gramatical. Ainda que seja discutível a qualidade desses textos – e aqui certamente não se está falando em qualidade literária – é visível o esmero na tentativa de atingir essa qualidade. Todos querem ser lidos, e muitos são felizes nesse objetivo, alcançando grande número de leitores e muitos elogios da **crítica virtual**.

As narrativas de *Harry Potter* tornaram-se o alvo preferido dos fãs-escritores, e há vários motivos que justificam essa primazia. Primeiro, porque Rowling já é a autora que mais vendeu livros no mundo, perto de 330 milhões – o número de exemplares vendidos só é superado pelo da Bíblia¹⁰ –, ou seja, seu público leitor é de fato imenso. Em segundo, são os adolescentes que aumen-

⁶ Porque justamente queremos provar que não seja apenas isso que se supõe.

⁷ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net>>. Acesso em: 04 jun.2008.

⁸ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/book>>. Acesso em: 04 jun.2008. Em fevereiro de 2005, havia 36.229 *fics* de *O Senhor dos Anéis*, 570 de Shakespeare, 256 de Stephen King, 40 de *Alice no País das Maravilhas* e 1.205 de *Artemis Fowl*. De *Harry Potter*, havia 178.642 textos.

⁹ Sites muito populares entre os jovens em que os internautas comunicam-se *on-line* uns com os outros através de salas de bate-papo. A linguagem utilizada nesses diálogos é peculiar ao mundo virtual, composta de abreviaturas e símbolos conhecidos apenas pelos usuários iniciados.

¹⁰ Foram vendidos 6 bilhões de cópias da Bíblia, aproximadamente. Disponível em:

<<http://www.potterish.com/fusion2/upload/fullnews.php?id=127>>. Acesso em: 26 jun.2005.

tam as listas de *fanfics* publicadas – a idade média dos autores gira em torno de 17 anos¹¹ – justamente os receptores de *Harry Potter*. E não é só isso: as histórias de Rowling se apresentam propícias a versões, já que têm muitos personagens, detalhes, e um enredo cheio de ramificações; é possível inventar nomes, palavras e poções mágicas, locais, animais estranhos, bruxos mais estranhos ainda, e uma infinidade de objetos esquisitos. Enquanto não tinha fim, antes da publicação do sétimo volume, a história era propícia a que os leitores criassem seus próprios desfechos. Ainda depois da conclusão da série, ela permanece fornecendo meios de burlar os caminhos da autora e usar a criatividade para acrescentar fatos e personagens, dar novo rumo a eles, e chegar ao final desejado, diferente do que Rowling imaginou. É por isso que na maioria dos *sites* de *fanfics* os livros de *Harry Potter* alcançam a preferência dos leitores-escreitores, porque as portas estão abertas para a sua inferência, o que faz de suas *fanfictions* o melhor exemplo de uma leitura-escritura.

Se a fronteira entre o escrever e o ler como atividades hierarquizadas temporal e metodologicamente distintas foram, desde a morte do sujeito-criador, há muito rompidas, penso que, consecutivamente, é possível pensar num novo processo hermenêutico – se é admissível usar a mesma nomenclatura, seguindo os passos de Brunetière –, que envolva não apenas o ler, mas também o escrever. Esse **escrever**, no entanto, diferentemente do processo semiológico da crítica tradicional¹², cujo texto é portador de uma mensagem em que a primazia está apenas no que é dito (e não no **como**), e ainda além da crítica contemporânea que, aberta aos estudos culturais, acompanha seu objeto, seguindo em linguagem e forma novas expressões, mas que ainda supõe a metalinguagem como objetivo, esse **escrever** arriscaria-se na experiência da linguagem para produzir um novo sentido, esse sim seu objetivo. Dessa forma, compreender o texto significaria preencher seus vazios através da leitura-escritura.

O caminho para se chegar à significação de uma obra literária dá-se por etapas, e é descrito por Wolfgang Iser (1999) como resultado do processo fenomenológico da leitura. Esse processo ocorre durante a percepção dos **aspectos esquematizados** que se formam pelas objetividades apresentadas pelo texto e as conexões entre elas – palavras que vão adquirindo significado conforme vão se unindo a outras e formando o todo da significação. O texto literário é responsável por constituir um objeto – a história – que não tem correspondente exato no mundo concreto; para tal, fornece ao leitor a substância desse objeto, configurando-o paulatinamente. Na conformação e ligação entre esses aspectos oferecidos pelo texto, formam-se lacunas, ou **lugares vazios**, como chama Iser,¹³ que devem ser preenchidas no ato da leitura por cada leitor. De acordo com ele, quanto mais **aspectos esquematizados**, mais indeterminações formam-se, oferecendo ao leitor um livre jogo de interpretação. A obra de valor, segundo Iser (1999, p.13), é aquela cujo grau de indeterminação provoque a inferência do leitor sem permitir que ele perca a linha de sentido: “Assim, pode ser dito que a indeterminação é a pré-condição fundamental para a participação do leitor”. E, para ele, o fato de a obra permitir que o leitor interfira em sua construção, através do preenchimento de lacunas, é essencial para sua qualidade e resistência ao curso do tempo.

O leitor de *Harry Potter*, ávido por preencher os vazios do texto, e não satisfeito com o processo hermenêutico tradicional – a leitura e a imaginação, está transpondo seu imaginário para um fictício próprio: a *fanfiction*. E aqui convém lembrar a primeira assertiva de Perrone-Moisés acerca do objeto híbrido que ela se propunha a analisar: “[...] uma crítica que, dando-se a ler como texto, desse também a ler outro texto, de modo mais novo e mais rico do que aquele como o líamos antes”. Se o texto da *fanfiction* preenche os vazios do original, ela colabora com a sua interpretação, como podemos entender através da explicação de uma autora de *fics*, Frini Georgakopoulos, sobre seu processo de estudo dos livros: “Procuro elementos de literatura, como alegorias, presságios, metáforas, destrincho os personagens para entender os temas e ver o que pode acontecer com cada

¹¹ Conforme observei em minhas pesquisas por diversos *sites* de *fanfics*.

¹² Anterior ao séc. XIX, aquela falada por Brunetière.

¹³ Ou ainda indeterminação, conforme o termo criado pelo filósofo polonês Roman Ingarden, como explica em *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*.

um” (In: FINOTTI, 2006, p.93). Esse processo reflete-se em seus textos, como em *Perdida na multidão*, *fanfic* que ganhou o primeiro lugar do Hogfest 2007¹⁴, em cujo texto Frini relata o desgosto de Petúnia pelo fato de sua irmã, Lílían, mãe de Harry, ser uma bruxa. Desde o primeiro livro da série, é possível perceber que Petúnia não gostava da irmã, mas o relacionamento entre ambas nunca foi descrito. Supor como o amor entre irmãs virou ódio foi a decisão da leitora-escritora:

Ao passar dos dias, meus pais ficavam cada vez mais empolgados com o fato de termos uma bruxa na família. Lílían e eu sempre lemos histórias de fadas, príncipes, bruxas, mas nunca realmente achei que esse mundo de fantasia pudesse existir. Lílían lia as histórias para mim e eu ouvia atentamente cada frase dita com empolgação. A certeza na voz de minha irmã era tamanha, que cheguei a pensar que ela mesma havia vivido todas aquelas aventuras. A cada dia que passava, minha casa se transformava: livros diferentes,

caldeirões, garrafas com ingredientes para poções e até uma varinha passaram a habitá-la. Antes, eu e Lílían chegávamos da escola e corríamos para contar o que aprendemos para nossa mãe, mas agora isso havia mudado. Eu tentava contar sobre como meu dia tinha sido, mas ninguém ouvia. Eu estava feliz pela minha irmã, tão feliz que queria ir com ela e continuava a deixar a janela do quarto aberta para que, caso a coruja que carregasse a minha carta estivesse atrasada, ela pudesse entrar. Mas, no fundo, eu sabia que isso não iria acontecer. O primeiro truque de minha irmã foi me tornar invisível.

Compreender a razão do ódio de Petúnia como nascido da inveja e da frustração de não ser uma bruxa pode não ser a intenção evocada pelo original, mas, se esse é um vazio, é uma possibilidade capaz de permitir ao leitor construir um significado diferente para a obra; no mínimo, ao ativar o imaginário, transformando esse horizonte de sentido em tema, propõe um novo horizonte ao leitor.

Mas não é apenas isso, ao criar uma nova história para o texto original, esse leitor-escritor propõe-se a construir sua própria exegese – sua escritura também fala **do texto**, porque o interpreta de uma maneira particular. A linguagem, no entanto, é privilegiada sobre a metalinguagem. E voltamos à segunda assertiva de Perrone-Moisés: “[...] que fosse só linguagem, conservando uma função de metalinguagem; que inventasse, no outro texto, novos valores”. Em suas várias formas – conto (*shortfic*), romance, novela, música (*songfics*), história em quadrinhos, etc – a *fanfiction* se dá a ler como um texto criativo, poético; no entanto, e mesmo não sendo possível negar que ela privilegia a produção de novos sentidos, seu discurso é diferente do discurso literário quando manifesta uma intenção que não a mesma desse (criar um objeto que não tem equivalente no mundo real). A *fanfiction* cria um objeto sobre outro objeto e o faz também para falar desse. Seguindo o caminho da crítica-escritura proposta por Perrone-Moisés, “privilegiará a produção de novos sentidos sobre a reprodução de sentidos prévios” (2005, p.20). Através da *fanfic Harry Potter e a batalha final*, de Hermy Granger Weasley, podemos ilustrar:

Ai!- Gritou Harry, ao acordar com algo que lhe caiu em cima e o atingiu em cheio na cabeça. Praguejando entredentes, levantou-se e viu que Edwiges, a sua coruja branca, esvoaçava alegremente em seu redor, esperando uma recompensa pelo pacote que acabara de deixar cair em cima do dono.

Levaram alguns segundos primeiro que o estremunhado Harry colocasse os óculos e reparasse no pacote que estava, agora, no seu colo e se decidisse a afagar as penas da coruja, que voltara para ele, após uma semana desaparecida.

- 'Brigado, Hedwiges. Por onde você andou, sua tonta? Bom, vê se da próxima vez você acerta a pontaria!

Olhou para o pacote, sorrindo, com a certeza de que seria um presente de aniversário. Sim, Harry fazia dezassete anos e estava certo: Edwiges trouxera um presente

¹⁴ Concurso de *fanfics* em São Paulo.

da sua melhor amiga, Hermione Granger. Rasgou o papel que envolvia o presente e sorriu ao dar de caras com um livro de capa prateada e letras pretas: "Fim do percurso escolar: e agora?"

- Típico! - Murmurou. Hermione sempre lhe oferecia livros. Depois, porém, o sorriso se desvaneceu no seu rosto. Sim, iria começar muito em breve o seu último ano na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, mas... e depois?

Folheando o livro, confirmou o que já imaginava: era uma espécie de manual para feiticeiros em busca do primeiro emprego. Harry suspirou. "Será que eu sobrevivo até lá?", pensou. Hermione parecia não ter qualquer dúvida, apesar de Harry estar constantemente em perigo de vida...

É uma nova história sobre Harry, relacionando-a um sétimo livro, em que a última batalha entre o herói e Voldemort estabeleça um vencedor. Mas, entre as perspectivas apontadas pelo leitor-escritor, observa-se sobre o que é realmente novo na história: a coruja de Harry continua a lhe trazer a correspondência, depois de desaparecer por alguns dias, ele ainda usa óculos – é o mesmo Harry cuja melhor amiga é Hermione, que lhe dá o presente. Já o livro, uma nova perspectiva nessa história, aponta para uma interpretação de seu autor para o texto original: Harry vai completar dezessete anos e terminar os estudos, e está com muito medo. Mas Hermione confia que ele sobreviverá. Além disso, manifesta-se também a preocupação, que não parece ser apenas do herói, com o futuro fora da escola.

Convém lembrar aqui que nem todos os textos das *fanfictions* são iguais. Entre eles, por exemplo, podemos encontrar modelos de simples intertextualidade¹⁵ – ocorrência menos comum –, em que a presença do original se dá apenas por alusão ou citação; ou de arquiteitualidade, em que o leitor-escritor imita a criação de Rowling, recontando a série; ou ainda de hipertextualidade, como o caso da paródia, não rara entre os *fanfiqueiros*¹⁶. Cabe anotar aqui que os próprios leitores-escritores costumam indicar qual é a relação transtextual¹⁷ de sua criação, que pode ser taxativa, como: "Cli-chês e furos de enredo para todos aqueles que nos pediram tanto para isso. Deliciem-se!"¹⁸ e "Uma fanfic com valores não vistos em Harry Potter original, uma outra visão, uma nova história..."¹⁹, ou ainda sutil: "Já diziam os antigos: quem conta um conto, aumenta um ponto..."²⁰.

Além disso, nos *disclaimers*, presentes em quase todos os *websites* de *fanfictions*, os *fanfiqueiros* devem declarar não apenas que os direitos sobre a história e as personagens pertencem a Rowling, mas em que nível esse **plágio**²¹ se dá: "**Alguns** personagens, lugares e citações pertencem a J.K. Rowling. Essa estória não possui fins lucrativos"²². É perceptível, nas sinopses e resumos, que a intenção maior desses leitores-escritores é estar o tanto mais possível atrelado ao texto de Rowling, principalmente quando o título traduz esse desejo e imita os da série original, iniciando com o nome do protagonista *Harry Potter e...* Entre esses títulos, é mais evidentemente manifesto o preenchimento de indeterminações através do processo de escritura: "Harry não tem escolha, chegou a hora e juntamente com seus amigos, ele vai em busca das Horcruxes"²³ ou "Após a morte de Dumbledore, Harry Potter julga imperativo de sua parte mudar o rumo de sua vida e assimilar definitivamente o papel de o Eleito que lhe foi imposto pela comunidade bruxa"²⁴.

¹⁵ Simples, porque a crítica-escritura, como proposta por Perrone-Moisés, é intertextual por essência.

¹⁶ Os escritores de *fanfictions*, que também chamo de leitores-escritores.

¹⁷ Em *Palimpsestes*, Gérard Genette explora esses e outros tipos de relações transtextuais.

¹⁸ *Oitavas intenciones*, por The Malvinas Revenge. Disponível em: www.fanfiction.net. Acessado em: 20 jul. 2007

¹⁹ *Distorções*, por Sasdelli. Disponível em: www.fanfiction.net. Acessado em: 20 jul. 2007

²⁰ *Quem conta um conto aumenta um ponto*, por Gabrielle Briant. Disponível em: www.fanfiction.net. Acessado em: 20 jul. 2007

²¹ Utilizo esse termo na falta de outro que proponha uma cópia que não copia, uma imitação que não imita...

²² Grifo nosso. *Harry Potter 7 – caçadores de almas*, por Bartira Franco. Disponível em: www.aliança3vassouras.com.br. Acessado em: 24 jul. 2007.

²³ *Harry Potter e as relíquias da morte*, por Luis Duquardo. www.fanfiction.net. Acessado em: 24 jul. 2007.

²⁴ *Harry Potter e o confronto final*, por Rufus Sorcerer. www.fanfiction.net. Acessado em: 24 jul. 2007

Sobre a questão dos níveis de transtextualidade presentes no texto da crítica-escritura, avalia Perrone-Moisés a inviabilidade de mensurá-la:

Perdidas a unidade do texto e a de sua leitura, a crítica se depara, mais do que nunca, com o problema das relações entre diferentes discursos, entre diferentes textos. Alusões, citações, paródias, pastiches, plágios inserem-se agora na própria tessitura do discurso poético, sem que seja possível destrinchá-lo daquilo que seria específico e original. (Op. cit., p. 62,63)

Essa aderência entre original e recriação evidencia-se na *fanfiction*, como mostra a opinião de uma leitora de *Harry Potter*. Perguntada sobre se gostava ou não de ler *fanfictions*, e respondendo que **não muito**, acrescenta:

Tenho medo de confundir as histórias. Essas que são super bem escritas, parece que você está lendo o livro seguinte. Aí chega o livro, e você não sabe mais se o que leu é o livro mesmo ou da fanfic. (Finotti, 2006, p.93)

Na maioria dos casos, como os citados, a intenção se faz evidente: escrever uma história cujas perspectivas foram construídas pela representação do leitor acerca da história original – os aspectos esquematizados do texto *Harry Potter* –, acrescentando as possibilidades engendradas por esse leitor para ela – os vazios do texto *Harry Potter*, ou, unindo ambas ações: tudo aquilo que o leitor pensa (imagina, cria, representa) sobre a história. Ou seja, é uma narrativa criativa-transitiva, cujo discurso manifesta uma crítica-escritura.

Diferentemente do discurso literário, intransitivo – porque numa relação transtextual não hierárquica com outros textos, a *fanfiction* está atrelada a um original, é transitiva, pois. No entanto, porque cria outro objeto e o dispõe a novas representações, essas, independentes do original, torna-se intransitiva. Dessa forma, evocamos a terceira colocação de Perrone-Moisés; “que fosse ao mesmo tempo transitiva e intransitiva, segundo a leitura que dela se fizesse”. Enquanto submissa a um original, a *fanfiction* é transitiva, pode ser lida como uma forma de representação particular do original; enquanto linguagem, é intransitiva, pode ser lida como uma nova história.

Na introdução da *fanfiction* *Primeira noite*, a leitora-escritora Magalud avisa:

Todos os personagens do universo de Harry Potter pertencem a JKR. Não estou ganhando dinheiro, só estou levando-os para brincarem. Eu costumava prometer que iria devolvê-los depois de terminar, mas não tenho certeza de que vou fazer isso. Eles parecem mais felizes comigo²⁵.

Se os personagens estão mais felizes em sua escritura, e provável que novo rumo ela deseje dar a eles. Mas não se atreve a tanto, lança-os ao futuro, contando o momento em que o filho de Harry e Gina chega a Hogwarts. Lá, ele encontra Snape, o professor sombrio de Poções:

– Um Potter? Aqui em Slytherin? Quando o mundo enlouqueceu?

Os olhos verdes do garoto se arregalaram quando ele leu a plaqueta no quadro.

– Você é ele! Eu tenho o seu nome!

– Do que está falando?

– Papai me disse que eu tinha o nome de dois diretores, um de Slytherin, provavelmente o homem mais corajoso que ele já conheceu. Você é Severus Snape!

– E você é...

– Albus Severus Snape, senhor. Acabei de ser sorteado.

– Você é o filho de Harry Potter?

– Segundo filho. James é o mais velho.

– Claro que ele daria o nome de James ao seu primogênito – murmurou o quadro, com desprezo. – Mas o que ele estava pensando? Albus Severus?

²⁵ Disponível em: http://www.fanfiction.net/s/3691389/1/Primeira_noite. Acesso em: 31 jul.2007.

- Ele me disse que o senhor era muito corajoso.
- Eu me lembro de minha primeira noite em Slytherin. Os monitores nos receberam. Então eles começaram a vomitar uma bobajada sobre pureza de sangue. Eu tinha tanta ingenuidade e raiva. Acredito que hoje em dia isso seja passado.
- Sim, senhor. – Albus Severus olhou para o quadro. – Senhor, importa-se se conversarmos de vez em quando?
- Claro que não. Mas seria melhor se tentasse falar com seus colegas de Casa. Não sei como encaram Slytherins em sua casa, mas nem todos somos lordes das trevas em treinamento. Pode confiar nos seus companheiros de Casa. Eles apoiarão você e tomarão conta de você.
- Até mesmo Scorpius Malfoy?
- Fique longe do avô dele, e tudo vai dar certo.
- E pode me falar dos meus avós um outro dia? Papai disse que nunca os conheceu. Mas o senhor freqüentou a escola com eles.
- Concordarei em lhe falar sobre sua avó. Fomos amigos. – Houve uma pausa. – Você tem os olhos dela.
- É o que a Vovó Weasley vive me dizendo.
- Você é um Weasley?
- Por parte de mãe.
- O mundo realmente chegou ao fim, garoto. O filho de um Potter e de uma Weasley em Slytherin. – O menino parecia prestes a chorar. – Tenho certeza de que eles terão muito orgulho de você²⁶.

Sobre o caráter de Snape – um dos personagens mais dúbios da série – a leitora-escritora resolve fazer sua escolha e, para dar credibilidade à sua decisão, dá a Harry o mérito de julgamento: é ele que conta ao filho da coragem do professor. Para entrar em uma das casas da escola, o garoto teve de passar pelo chapéu Seletor, o mesmo por que passou seu pai – mas dessa vez parece que ele não foi ludibriado! Seu nome, homenagem a dois diretores – Alvo e Severo. Enfim, embora uma história nova e criativa, que pode ser lida como **outra**, a narrativa de Magalud está em posição de submissão ao texto de Rowling.

A próxima assertiva de Perrone-Moisés complementa essa idéia: “que fosse um fenômeno de enunciação ao mesmo tempo que enunciasse outra coisa”. O discurso da *fanfiction* faz-se enunciação à medida que justamente é a interpretação de um leitor sobre o texto original e, portanto, expõe suas escolhas na conformação da história. Tais escolhas refletem não apenas as relações intratextuais realizadas pelo leitor, mas aquelas que ele estabelece entre o fictício do texto e o seu imaginário, e, portanto, com o mundo e consigo mesmo. Ao mesmo tempo, ao criar um novo fictício, outro mundo textual é enunciado, o que permite que o leitor deste novo texto – a *fanfiction* – entre em contato com novas perspectivas, aquém daquelas manifestadas através de um discurso de enunciação.

A última qualidade desse texto híbrido precisa ser analisada: “que entrasse numa relação simbólica (de linguagem) e não mais imaginária (de ideologia) com outro(s) texto(s)”. Se o texto da *fanfiction* cria um novo objeto através da linguagem e pela linguagem, certamente ela está em relação simbólica com o mundo e, nesse caso, com o texto original. O processo dá-se por representação, preenchimento de vazios e re-criação, essa, numa relação transtextual. A questão segunda, que propõe uma relação não imaginária com outros textos é que é discutível. O acréscimo da palavra **ideologia** como referência para esse imaginário também é passível de dúvida. Primeiro, enquanto lin-

²⁶ Os nomes estão nos originais em inglês. Disponível em: http://www.fanfiction.net/s/3691389/1/Primeira_noite. Acesso em: 31 jul.2007.

guagem e enunciação, nenhum discurso é isento de ideologia. Se, na crítica-escritura, o sujeito-produtor se coloca em evidência, arrasta consigo todas as suas escolhas e postulações e, portanto, suas disposições ideológicas. Ao supor uma não-relação imaginária e ideológica entre o texto crítico e outros textos, Perrone-Moisés leva-nos a pensar, talvez, em um rompimento com um quadro de valores prévios e exteriores ao texto. Esse texto híbrido, crítica-escritura, mostraria o valor do texto que põe em análise com a própria escritura (ou re-escritura desse texto), e não através de juízos e explicações. O imaginário a que se refere Perrone-Moisés não é o mesmo proposto por Iser, necessário ao leitor na configuração do fictício, mas, sim, uma cadeia de valores a que ele relaciona o texto ao julgá-lo.

Sobre essa questão, podemos afirmar que o texto da *fanfiction* está longe do discurso crítico tradicional – que se propõe a explicar e julgar²⁷ o texto. Eis aí a grande dificuldade de relacioná-la, criação original que é, ao discurso crítico. A *fanfiction* – esse **objeto híbrido, paradoxal e inclassificável** – reúne elementos desse discurso enquanto expressa a interpretação, a concretização do leitor sobre outro texto. Torna-se visível, através da escritura desse leitor, sua análise e sua conformação do texto que procura re-escrever. O texto da *fanfiction* não traz apenas o tema, suas variações, personagens e ações de *Harry Potter*, por vezes sua linguagem, mas também suas figuras e imagens – e é aqui que se dá o preenchimento por esse leitor-escritor. Se, por um lado, a *fanfiction* se aproxima do discurso crítico porque ajuda a ler o texto de Rowling – e essa é a razão por que proponho tal tese –; por outro, afasta-se desse discurso, porque não permite que se aplique a outros textos sua escritura.

E é escritura porque seu texto é uma enunciação criativa e única, legível e irrepetível, cujo valor se torna também diferente de outros textos criativos, como o texto literário. Ela sequer se dá a ler como um texto literário, seus leitores buscam em suas linhas mais motivos para pensar e compreender o texto original. É próprio do ato de leitura de uma *fanfiction* que o leitor seja levado a se dirigir ou a retornar ao texto original, para compreendê-lo e compreendê-la, como é comum na leitura de um texto crítico. No entanto, pensando nas motivações de seu sujeito produtor, cuja intenção primeira é criar uma história original – mesmo que ligada de forma palimpsêstica à original –, e, portanto, prioriza a linguagem, proponho pensarmos a *fanfiction* como uma escritura-crítica, e não uma crítica-escritura, objeto de estudo de Perrone-Moisés e cuja prioridade é o conteúdo e não a forma.

É possível prever outra configuração para o mundo *fanfiqueiro* agora que a série encontrou seu final. Muitos dos vazios estão preenchidos, e, provavelmente, a motivação do leitor-escritor já é outra, que não **adivinhar** o que ainda não foi dito. No entanto, se essa escrita do leitor expressa sua análise e concretização da obra, nos moldes de uma crítica-escritura, ainda há razões para sua existência. *Harry Potter* não pode ser chamado de texto aberto, mesmo enquanto estava inacabado fisicamente. Seu inacabamento não é **de princípio**, como o colocado por Bakhtin, conceito para ele sinônimo de abertura dialógica. Por ser um texto infanto-juvenil (agora mais juvenil-adulto do que isso), certamente não tem o tipo de abertura previsto por Bakhtin ao idealizar tal conceito. Talvez, por isso, o teor das *fanfictions* possa realmente se modificar, já que os leitores-escritores passariam a criar histórias mais distantes do original.

Em recente concurso promovido por Zero-Hora, os leitores jovens de *Harry Potter* foram desafiados a escrever um final para a série. Entre os textos vencedores, destacamos um deles, de Luiza Heinz, 9 anos, a mais nova entre os leitores-escritores:

Então, era isso. Harry estava ali parado. Parecia que todas as lições haviam sumido da sua cabeça como um raio. Na sua frente via sorrisos maldosos vindos de Voldemort e de comensais da morte. Era a sua vida ou a de um povo inteiro, a resposta era óbvia, ele precisava fazer aquilo. Tomou coragem e berrou:

- Agora – Hermione se botou à frente dele.

²⁷ Essa palavra é um tanto perigosa, mesmo para *Harry Potter*. Aqui, quero dar-lhe um sentido de classificar, expressar valores.

- Avada Kedavra – uma luz verde atingiu Voldemort e, antes que chegasse a Harry, o último dos Potter apontou para sua própria cicatriz²⁸.

Do pequeno texto criativo de Luiza, podemos perceber dados de sua interpretação: as lições que Harry vem aprendendo na escola de Hogwarts deveriam servir para ajudá-lo em sua vida, mas, quando elas são mais necessárias, a coragem é que lhe vale; por ser realmente o escolhido pela profecia, depende de Harry a sobrevivência do mundo bruxo e da batalha que ele deve travar contra Voldemort; Harry deve sacrificar a sua própria vida para livrar a sua sociedade do mal. Enquanto apenas essa última colocação serve como previsão para a história, o restante equivale ao preenchimento de indeterminações promovido por Luiza em sua leitura, transposto para sua escritura.

A idéia de que as lacunas do texto incentivam essa participação peculiar do leitor, motivando-o a interferir na obra, já ronda o trabalho de Maria Lúcia Vargas (2005, p.22), que encontrou na opinião de Susan Clerc²⁹ aquilo que pode significar um impulso para esse tipo de escritura: “a prática dos fãs escritores de *fanfiction* ainda hoje envolve o esforço em preencher as lacunas deixadas pelos autores das séries, ao mesmo tempo em que conexões entre os episódios são criadas”. Porquanto a autora relida por Vargas crê em uma especulação por parte do leitor-escritor, que busca imaginar o que poderia acontecer na trama “se” determinado elemento fosse acrescentado, modificado ou eliminado – elemento esse indeterminado pelas lacunas do texto –, tal pensamento nos permite pensar que é viável a proposição de que esse receptor trabalha com hipóteses para o preenchimento dos vazios, acolhendo-as na troca de idéias com os participantes de seu *fandon*, e na própria leitura dos textos por eles escritos. Dessa forma, podemos supor que o ato de escrever *fics* seria movido tanto pela necessidade de referendar as escolhas desse receptor, como para permitir sua inserção no universo ficcional da obra que estima, elevando-o de uma posição passiva – receber – para o status de leitor-escritor.

Talvez crítico-escritor, ou escritor-crítico. Hipóteses. Até aqui, buscando elevar a *fanfiction* a um certo grau de conhecimento, por que não reconhecimento? – embora objeto hipotético, híbrido, paradoxal e inclassificável – não ousei pensar seu produtor dessa forma, sinal de que, provavelmente, as discussões estejam ainda no primeiro capítulo, momento em que o herói mal reconhece seu adversário. O tiro foi dado, no entanto³⁰.

Esse não-lugar da *fanfiction* nunca foi uma pergunta se a tomarmos em seu suporte, a internet, lugar em que a ambigüidade, tão festejada em outro campo, é a vilã, deusa do efêmero, do transitório: as imprecisões se dissipam nos *buscadores*, as dúvidas encontram o hipertexto, o real faz-se virtual e nada nunca traz certeza alguma. É o próprio suporte que dela pode dizer: que objeto é esse que nasce com propósito diferente dos textos literários – de quem se aproxima pelo decurso da linguagem como fundamento e pela criação de um objeto original – porque fora do livro, porque criação de um objeto sobre um outro; que se aproxima do discurso crítico enquanto interpretação de um texto original e se afasta dele porque não permite a aproximação com outros textos; que é escritura enquanto enunciação?

Que se anunciam novas formas de pensar o texto, a literatura, a escritura, não é descoberta recente. Vanguardas vêm, rompem, corrompem, desconstroem, assustam, e desbotam nos armários. Atualmente, nada mais se quebra com o novo, tudo acrescenta, mexe, sacode, recorta e cola. A *fanfiction* veio, ocupou o seu espaço e não desocupou ninguém. Não perguntou, não fez estardalhaço. Mas o espaço do disco é pequeno para tanto, e isso ninguém nunca supõe: a memória acaba sempre ficando pequena para tanta informação. Para onde ela vai? Talvez para o livro. Talvez comprar mais memória ram.

²⁸ Zero-Hora, terça-feira, 31 jul. 2007. Segundo Caderno, p. 3.

²⁹ Autora do ensaio *Estrogen brigades and “Big Tits” Threads*, In: BELL, D; KENNEDY, B.M. The cybercultures reader. London: Routledge, 2000, p. 217. Apud. VARGAS, Maria Lúcia bandeira. *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: UPF, 2005. Vargas analisa as idéias de Clerc sobre a construção de textos ficcionais por fãs, relacionando essa idéia da motivação pelo preenchimento de lacunas.

³⁰ Espero que não saia pela culatra.

Fica ou não fica, serve ao jogo do leitor. Pois é sobretudo jogo, adivinhação e armadilha de leitor para leitor. É uma crítica-jogo, brincadeira-escritura. Se analisa, interpreta, preenche e ajuda a compreender – crítica; se inventa, enuncia e cria – escritura³¹. Um objeto hipotético com nome e endereço: www...

Referências Bibliográficas

- FINOTTI, Ivan & CALDERARI, Juliana. *O destino de Harry Potter*. São Paulo: Conrad, 2006, p.93.
- ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS Série Traduções*. Tradução de Maria Aparecida Pereira. Porto Alegre, v. 3, n. 2, mar. 1999.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético*. v. 2. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1999.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético*, v. 1. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1996.
- MOISÉS-PERRONE, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- VARGAS, Maria Lúcia Bandeira. *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*. Passo Fundo: UPF, 2005

¹ **Autores:**

Ana Cláudia Munari Domingos Pelisoli, Doutoranda em Teoria da Literatura
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
anamunari@terra.com.br

³¹Sem ousar de inimaginável comparação, tão ridícula que grotesca, atrevo-me a perguntar, com o devido cuidado de modificar o agente do ato: devo queimar-me?